



## A ARTE, O ZEN E A IMPERMANÊNCIA

O complexo na aprendizagem de uma arte tradicional japonesa, nomeadamente as que tenham uma forte componente marcial, é que para se ir ao âmago dela, teremos que ultrapassar os limites daquilo que liga o japonês aos outros, o corpo, e assim entramos na área do psíquico, do mental, do cultural, do espiritual. Aí o choque é enorme, assim como as barreiras, não só pela evolução social própria do Japão, e pelas suas características e o contexto, mas também pelo isolamento a que o mesmo se auto-impôs seguido de uma abertura explosiva e tão prejudicial a uma tradição cheia de requinte. Para o próprio japonês hoje, já profundamente ocidentalizado, há elementos antigos que se tornaram estranhos, ou mesmo ignorados.

Por exemplo, a subtilidade da linguagem de um arranjo floral, realizado através do Ikebana, assim como toda a carga ritualista do mesmo é de uma riqueza que transcende a arte em si para se tornar em artes.

A forma, a cor, a disposição da flor, o que fica à vista e o que é oculto, o silêncio e o vazio, que não é aqui ausência mas oportunidade para nos preenchermos, bem assim como outros factores, são desculpas para diálogos silenciosos em que o artista, e o observador, mergulham sem necessidade de palavras, ou de demonstração de emoções, se bem que elas fervilham calmamente em ambos, tantas vezes perigosas numa sociedade em que a consequência de um acto podia acarretar consequências trágicas (morte pelo samurai a necessidade de um seppuku), numa relação complexa e de uma beleza estética muito própria. Hoje, e especialmente no contexto ocidental, onde este carácter subtil de estar é banalizado pelo ruído, excesso de formas e pressa de viver, é difícil de atingir momentos únicos e tão reduzidos no tempo que entram em contradição com a necessidade de perpetuar aquilo que não pode ser permanente. A beleza efémera da sakura é expressão disso. Deixo-vos aqui uma expressão com que tento transmitir esta vivência.

一期

一会

一体

飛花落葉

Ichigo

ichie

ichi tai

hikarakuyou

Um tempo,

Um encontro,

Uma terra.

Impermanência!



É neste contexto que o Zen vive, e que se liga tão profundamente com esta maneira de estar, sendo no entanto tão mal entendido. A compreensão do que é o Zen, para nós só é possível através da ocidentalização de conceitos que nesse processo perdem parte importante do seu valor, e daí a importância de tentar mergulhar o mais possível na forma de pensar e de estar do outro (japonês) mas também sem perder o que somos, e não nos tornarmos uma caricatura, como acontece frequente e infelizmente.

Só vejo uma forma de chegar à essência desta beleza, que é através da repetição, silenciosa, humilde e sem pretensões de ser mais que isso, repetição. Chegado o momento o véu cai, e a beleza, que não se ocultava, mas que se desvendava através do véu, e que só a nossa cegueira impedia de ver, surge tão naturalmente que só uma saudação silenciosa como o sorriso silencioso de Buda, quando é interpelado pelo discípulo, pode permitir.

Lisboa, 2 de Janeiro de 2014